

A CONTRIBUIÇÃO DE UMA TEOLOGIA ECOLÓGICA NO PROCESSO DE SUPERAÇÃO DA CRISE SOCIOAMBIENTAL GERADA PELO PARADIGMA TECNOCRÁTICO

THE CONTRIBUTION OF AN ECOLOGICAL THEOLOGY IN THE PROCESS OF OVERCOMING THE SOCIO-ENVIRONMENTAL CRISIS GENERATED BY THE TECHNOCRATIC PARADIGM

*Saulo da Silva Gama**

Resumo

O presente artigo expõe e analisa a resposta da fé cristã frente a atual crise ecológica, ocasionada pelo modelo tecnocrático de desenvolvimento, que afeta todo o planeta e põem em risco não só a destruição do meio ambiente, mas também a da própria humanidade. Após a análise de alguns dados que demonstram as consequências ecológicas do desenvolvimento tecnocrático, e que apontam para a gravidade da situação ecológica dos tempos hodiernos, o artigo irá se desenvolver em duas fases. Num primeiro momento será apresentado a posição da fé cristã ante o regime tecnocrático, a fim de responder as acusações feita por algumas pessoas de que a fé cristã contribuiu, ao menos em parte, com a atual crise ecológica. Num segundo momento, será apresentado a contribuição de uma teologia ecológica no processo de superação da situação ecológica atual. O objetivo desse artigo é contribuir para uma melhor compreensão dos compromissos cristãos no cultivo e na guarda do cosmo.

Palavras-chave: Crise ecológica. Paradigma tecnocrático. Deus. Fé cristã. Teologia ecológica.

Abstract

This article exposes and analyzes the response of the Christian faith to the current ecological crisis, caused by the technocratic model of development, which affects the entire planet and endangers not only the destruction of the environment, but also that of humanity itself. After analyzing some data that demonstrate the ecological consequences of technocratic development, and that point to the seriousness of the ecological situation in today's times, the article will develop in two phases. At first, the position of the Christian faith in relation to the technocratic regime will be presented, in order to answer the accusations made by some people that the Christian faith has contributed, at least in part, to the current ecological crisis. In a second step, the contribution of an ecological theology in the process of overcoming the current ecological situation will be presented. The purpose of this article is to contribute to a better understanding of Christian commitments to cultivating and guarding the cosmos.

Key-words: Ecological crisis. Technocratic paradigm. God. Christian faith. Ecological theology.

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Enviado em
18.07.2020
Aprovado em
30.07.2020



Introdução

Diante da constatação da crescente degradação socioambiental que avassala o planeta e que é fruto da lógica tecnocrática vigente, surge a necessidade de uma conscientização ecológica de todos os seres humanos para preservar e cuidar desta casa comum, como princípio de preservação não só do meio ambiente, mas também da própria espécie humana. Neste sentido, a chamada Carta da Terra de 1992, afirma que a humanidade frente a crise ecológica dos tempos atuais, deve se comprometer no desenvolvimento de práticas sustentáveis em defesa do meio ambiente.

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher seu futuro. À medida em que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações. (...) A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar nossa destruição e a da diversidade da vida.(CARTA DA TERRA, 1992, Preâmbulo).

Considerando a necessidade da união de todos os seres humanos para a superação crise ecológica enfrentada nos tempos atuais, este artigo visa apresentar a contribuição da fé cristã, no processo de reversão da atual situação, a fim de que a humanidade não sofra as consequências desta destruição. Portanto, a partir desse objetivo, este estudo será dividido em três frases.

Na primeira parte será analisadas as consequências ecológicas geradas pelo paradigma tecnocrático. O objetivo nesta fase não é apresentar um estudo detalhado dos diversos problemas socioambientais que a humanidade enfrenta, mas expor aqueles que são mais urgentes de respostas e que demonstram a gravidade da crise ecológica.

Na segunda parte será apresentada a posição da fé cristã ante o paradigma tecnocrático. Neste segundo momento, o artigo procurará responder aos questionamentos feitos por alguns críticos, de que a fé cristã, contribuiu, ao menos em parte, para o quadro do atual colapso ecológico, especialmente no que se refere ao mandato genesíaco de dominar e submeter a terra.

Por fim, no terceiro momento, será apresentada a resposta cristã no processo de superação da crise gerada pelo paradigma tecnocrático. Nesta fase será destacado a importância de uma teologia ecológica, que é capaz de realçar a responsabilidade humana em relação ao cosmo contribuindo deste modo para a suplantação do colapso socioambiental.

Consequências ecológicas do desenvolvimento tecnocrático

Ao longo dos últimos séculos, o ser humano tem-se maravilhado com o progresso gerado pela crescente evolução tecnológica – fruto do paradigma tecnocrático – que faz com que se desenvolva, em larga escala, serviços e produtos industrializados promotores de um alto índice de desenvolvimento e de bem estar. Ora, a tecnociência ofereceu a humanidade a possibilidade de superar inúmeros males que afligiam e limitam o ser humano, e por esta razão, “é justo que nos alegremos com estes progressos e nos entusiasmemos à vista das amplas possibilidades que nos abrem estas novidades incessantes” (FRANCISCO, 2015, nº 102).

Todavia, embora o desenvolvimento promovido pelo paradigma tecnocrático pareça ser profundamente positivo, a ponto de torna-se “antinatural a escolha de um estilo de vida cujos objetivos possam ser, pelo menos em parte, independentes da técnica, dos seus custos e do seu poder globalizante e massificador” (ibidem, nº 108), o modelo tecnocrático também apresenta um aspecto negativo, pois a forma como a humanidade assumiu a ideia de um desenvolvimento ilimitado, dispondo-se da Terra, da natureza e dos seres vivos ao seu bel-prazer, tem-se mostrado extremamente nocivo e gerador de uma crise ecológica que coloca a humanidade à beira de um abismo.

Gritam os pobres sob pesada carga de opressão econômica, de discriminação social e de violência direta das guerras “inteligentes” modernas. Gritam as florestas, abatidas em todas as partes do mundo sob a voracidade produtivas, pois no lugar de árvores frondosas e centenárias pasta o gado para a carne de exportação. Gritam os rios contaminados pelos agrotóxicos da monocultura da soja, do fumo,

dos cítricos e outras. Gritam os solos contaminados por milhões de toneladas de pesticidas. Gritam os ares envenenados por gases de efeito estufa. Gritam as espécies, dizimadas ao milhares a cada ano. Gritam inteiros ecossistemas devastados pela super exploração de seus bens e serviços. Gritam a humanidade inteira ao dar-se conta de que pode ser exterminada da face da Terra por dois tipos de bombas: pela bomba das armas químicas, biológicas e nucleares e pela bomba ecológica representada pelo aquecimento global, que não acaba e aumenta ano após ano. Enfim, grita a Mãe Terra contra a qual está se levando uma guerra total: no solo, no subsolo, no ar, nos oceanos, em todas as frentes; guerra da qual não temos qualquer chance de ganhar, pois nós precisamos da Terra, mas ela não precisa de nós (BOFF, 2015, p. 7).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o modelo tecnocrático de desenvolvimento faz com que os seres humanos “rompam” sua relação harmônica com o cosmo, ao considerá-lo como algo inerte e passivo diante deles. No paradigma tecnocrático “o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que se tem à sua frente” (FRANCISCO, 2015, nº 106). Assim sendo, o homem outorga para si o poder de submeter, dominar e transformar a natureza, “como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível a manipulação” (ibidem, nº 106).

A lógica tecnocrática, que “trata a Terra como um balcão de mercadorias a serem colocadas no mercado” (BOFF, 2016, p. 27), é geradora de um consumismo exacerbado. Este, por sua vez, movimenta o mercado, fazendo com que esse produza novos inventos à custa de uma depredação gradual e crescente dos recursos naturais, para satisfazer as “necessidades” de uma superpopulação de aproximadamente 7,6 bilhões de habitantes.¹

Ora, para alimentar o voraz sistema tecnocrático, a civilização industrial voltou-se para suas reservas naturais “e utilizou estas matérias primas de maneira descontrolada, como se elas fossem durar indefinidamente” (RUBIO, 2006, p. 536). Como consequência da exploração hiperbólica dessa matéria prima – principalmente as não renováveis – verifica-se um acelerado esgotamento dos recursos naturais. Entretanto, como o paradigma tecnocrático se sustenta me-

1. O relatório *World Population Prospects: The 2017 Revision*, publicado no dia 21 de junho de 2017 pelo Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (Desa), revela que a população global atual é de 7,6 bilhões de habitantes e deve subir para 8,6 bilhões em 2030.

diante estes recursos, vindo esses a faltarem, tem-se um colapso no sistema, que afeta toda a orbi e que muitas vezes desembocam em crises mundiais e conflitos armados, como por exemplo, as guerras alimentadas pela disputa por petróleo no mundo.

No sulco da intensa exploração das reservas naturais, verifica-se a devastação da florestas e das áreas verdes que implicam simultaneamente no empobrecimento do solo e na extinção de inúmeras espécies de animais e vegetais. A perda de biodiversidade, é danosa não somente pela possibilidade destas diferentes espécies ser, no futuro, um recurso importante para o ser humano, mas principalmente porque elas, enquanto criaturas de Deus, possuem um valor em si mesmas. Deste modo, alerta-nos o papa Francisco, que “por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos o direito de o fazer” (FRANCISCO, 2015, nº 33).

O processo do desenvolvimento do modelo tecnocrático gera também a cultura do descartável – que afeta tanto o ser humano como as coisas (cf. *ibidem*, nº 22) – acarretando a produção milhões de toneladas de resíduos dos mais variados tipos. Estes rejeitos são causadores de grandes problemas ambientais, por serem muitas vezes perigosos e poluidores do ar, da água e do solo. Como consequência, verifica-se o surgimento de vários problemas ambientais, tais como: a escassez crescente de água potável e limpa; a alteração climática e seus efeitos, acelerada pela emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa; entre outros.

Portanto, percebe-se que a “sociedade é capaz de criar produtos e técnicas extraordinárias, mas não é capaz ou não está disposta a avaliar seus riscos. Moviada pelo interesse econômicos ou políticos, tais produtos e técnicas são liberados no meio ambiente sem uma adequada avaliação de impacto ambiental” (LISBOA, 2016, p. 137). Todavia, os efeitos negativos do modelo tecnocrático não se restringem a deterioração do meio ambiente, mas lesiona também, de forma direta e clara, a própria vida dos seres humanos.

Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e no consumo da energia e de outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotrá-

fico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade. São alguns sinais, entre outros, que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns desses sinais são ao mesmo tempo sintomas de uma verdadeira degradação social, de uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social (FRANCISCO, 2015, nº 46).

O paradigma tecnocrático é responsável pelo sofrimento causado pela ampla desigualdade planetária, já que as consequências negativa do sistema incide com um maior peso sobre os ombros dos mais frágeis. De fato, “o esgotamento das reserva ictícias prejudica especialmente as pessoas que vivem da pesca artesanal e não possuem nenhuma maneira de substituí-la, a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não tem a possibilidade de comprar água engarrafada.” (ibidem, nº 48). Assim sendo, são os desfavorecidos que pagam um alto custo ao paradigma tecnocrático, de tal forma, que a “desfiguração do rosto do Terceiro Mundo é o preço da *maquillage* de outros Mundo; sua pobreza, o de sua abundância; sua morte, o de sua vida” (SOBRINO, 1994, p. 375).

Portanto, todas estas várias formas de degradação ambiental e humana dos últimos séculos demonstram que o progresso da ciência e da tecnologia não foram pautados em questões socioambientais, de forma a aliar o desenvolvimento econômico com o social, em prol de um verdadeiro bem estar da humanidade. Deste modo, pode-se afirmar, que no atual paradigma tecnocrático, “perde-se o equilíbrio da natureza por força da agressão tecnológica moderna. Ganha-se em certa comodidade, mas paga-se o preço da qualidade de vida para os humanos e da conservação do meio ambiente” (LIBANIO, 2010, p. 18).

A fé cristã ante o paradigma tecnocrático

Como constatado no item anterior, o atual modelo tecnocrático tem ocasionado uma grave crise socioambiental que lesiona e põem em risco todo o planeta. Por esta razão, percebe-se na atualidade um emergir de uma conscientização, nas diversas áreas do saber (ciência, filosofia, arte, ética), de responsabilidade comum com o cosmo. Segundo Gesché, verifica-se nos tempos hodiernos, “uma redescoberta maravilhada do cosmo (da natureza, da matéria, do espaço e do tempo, da terra e do universo). Redescoberta que não é apenas aquela, milenar, de um domínio, e sim de escuta. De uma natureza que não pode mais estar submissa ao arbítrio do homem e de seus poderes” (GESCHÉ, 2004, 148).

Embora seja clara a redescoberta do cosmo em diversos campos do conhecimento, podemos nos perguntar: qual é a posição da fé cristã frente ao colapso socioambiental provocado pelo paradigma tecnocrático? Ou ainda: a fé cristã é capaz de oferecer algum contributo no processo de superação da crise ecológica? Ora, é certo que a fé cristã está diretamente interessada nas questões ecológicas, pois, como recorda o papa Francisco, “se pelo simples fato de ser humanas, a pessoas se sentem movidas a cuidar do ambiente de que fazem parte, ‘os cristãos, em particular, advertem que a sua tarefa no seio da criação e seus deveres em relação à natureza e ao Criador fazem parte de sua fé’” (FRANCISCO, 2015, nº 64). Além disso, esta questão é crucial para os cristãos, pois em muitos ambientes de reflexão acadêmica, a fé cristã tem sido acusada de ser, em parte, responsável pela crise atual, como demonstra Afonso García Rubio:

Com efeito, a Igreja, que foi criticada pelo mundo moderno porque se esquecia da realidade atual para pregar apenas uma salvação no “outro mundo” passa hoje a ser acusada pelo mundo pós-moderno de ter sido uma das causas da destruição e da devastação, em curso, da natureza. Especialmente por causa da sua teologia da criação, o cristianismo é hoje acusado de ter dado origem e de ter impulsionado o progresso com a sua atitude estúpida e suicidamente arrogante em relação ao meio ambiente. Por estes motivos, um estudo atual sobre a teologia da criação não pode deixar de lado os desafios e o questionamento básico que surgem da crise ecológica (RUBIO, 2006, p. 535).

Neste sentido, concomitante com a crise ecológica dos tempos atuais, percebe-se também um borbulhar de críticas endereçadas a teologia da criação cristã, especialmente no que se refere a interpretação do mandato genesíaco de dominar a terra (cf. Gn 1, 28) e que culminou em consequências desastrosas para a civilização industrializada. Segundo os críticos, a fé bíblica judaico-cristã, ou ao menos, a forma como ela foi interpretada no Ocidente, afirma a proeminência do ser humano em relação as coisas criadas, acentuando desse modo um relação de confronto entre ambos e alimentando na humanidade a ilusão de um crescimento ilimitado.

Se vocês [cristãos] colocam Deus fora do universo, em face da sua criação, e se vocês contam para si próprios que tem sido criados à imagem dele, vocês se consideram então, de maneira totalmente lógica e natural, como sendo exterior às coisas que os rodeiam, e até opostos a elas. E como vocês se apropriam de tudo o que pertence

ao espírito, pensarão, pois, que o mundo que os rodeia se encontra totalmente privado dele, e não tem direito a nenhuma consideração moral ou ética. O meio ambiente parecerá que lhe pertence, para o único objetivo de ser explorado por vocês. Para vocês a unidade de sobrevivência será composta, assim, de vocês mesmos, de seus semelhantes e de seus próximos, e vocês os colocarão em oposição ao meio ambiente de outras unidades sociais e de outras raças, ou às bestas, ou até mesmo aos legumes” (BATESON, 2006, p. 219).

Todavia, embora seja constatado que o tema do cosmo tenha ficado a margem na teologia cristã, em prol de uma reflexão demasiadamente metafísica em torno do tema de Deus e do homem (cf. GESCHÉ, 2004, p. 19), a crítica vigente, de que a fé cristã colaborou, ao menos em parte, com a crise socioambiental atual é injusta, pois é possível verificar na vida de inúmeros representantes da fé cristã – como por exemplo São Francisco de Assis – não um relacionamento abusivo, mas antes um convívio harmonioso com o cosmo.

Para fazer um justo juízo da relação da fé cristã em meio à crise ecológica atual é importante ter em mente que na Sagrada Escritura existe duas maneiras distintas de compreender a relação do ser humano com o cosmo: a tradição hermenêutica *proclamativa* e a tradição hermenêutica *manifestativa*.

Na tradição proclamativa a criação é compreendida em função da salvação de Deus oferecida ao ser humano, deste modo, “o homem destaca-se nitidamente da natureza. É uma tradição que procura acentuar o antropocentrismo na consideração do mundo criado. A natureza é decididamente dessacralizada” (RUBIO, 2006, p. 546). Consequentemente, essa tradição abre a possibilidade de uma atitude arrogante e destruidora em relação a natureza. Contudo, a tradição manifestativa, presente sobretudo na literatura sapiencial e apocalíptica, sublinha “a participação do homem no cosmos, focalizando a sua salvação precisamente enquanto participante do mundo todo criado. O cosmo é que deve ser renovado e com ele o homem” (ibidem, p. 547). Deste modo, segundo a tradição manifestativa, “o destino do homem e do cosmo estão indissolúvelmente unidos. E assim sendo, o compromisso cristão pela libertação integral do homem inclui ineludivelmente o mundo com que o ser humano vive” (ibidem, p. 547).

Seguindo a perspectiva da tradição hermenêutica manifestativa, não se pode dizer que o mandato genesíaco seja o fundamento de um domínio arbitrário e irresponsável da humanidade sobre o meio ambiente. Embora, na fé cristã,

o ser humano possua um lugar de destaque na obra da criação, pois é o único criado a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27) e chamado a participar de forma ativa na obra da criação, cabendo-lhe a função de nomear a criação (cf. Gn 2,20), o ser humano deve ter sempre a consciência de seu aspecto criatural: Ele é tão criatura como as demais criaturas!

Essa compreensão de criaturidade, aliada a fé no Deus Criador, que se deleita com todos os aspectos da sua criação (cf. Gn 1,31), afasta da humanidade qualquer atitude de arrogância e domínio irresponsável em relação ao cosmo. Neste sentido, o mandato divino de dominar a terra deve ser compreendido na ótica do respeito e do cuidado com a obra da criação.

Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim (cf. Gn 2,15). Enquanto “cultivar” quer dizer lavar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, “ao Senhor pertence a terra” (Sl 24/23,1), a Ele pertence “a terra e tudo o que nela existe” (Dt 10, 14). Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: “Nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-Me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes” (Lv 25,23) (FRANCISCO, 2015, nº67).

Portanto, a crítica feita a fé cristã, de ser em parte responsável pela crise ecológica, se revela inconsistente e falaciosa pois, contradiz a verdadeira noção bíblica da relação entre o ser humano e o cosmo. Além do mais, “a sociedade industrial moderna, (...) gerou uma cultura secularizada, desprendida de sua base cristã. Emancipada dos vínculos religiosos (...) desenvolveu-se de modo autônomo, absolutizando a posse de bens materiais e ocasionando a destruição da natureza que hoje verificamos” (MIRANDA, 2016, p. 187). Assim sendo, pode-se afirmar que, “o domínio da natureza desenvolvido pela Civilização Industrial não é resultado da fé em Deus criador, mas decorrência da ideologia moderna do progresso e do subjetivismo antropológico dualista” (RUBIO, 2006, p. 550)

Ecoteologia: uma resposta à crise do paradigma tecnocrático

O colapso ecológico causado pelo paradigma tecnocrático, tem sido o palco de inúmeros estudos e debates sobre a relação do desenvolvimento com o cosmo. Percebe-se que, na atualidade, esta questão é contundente não só entre os ecologistas mas entre os estudiosos em geral. Neste contexto, também a teologia é convocada a tomar parte nesta discursão e a prestar sua contribuição na superação da crise ecológica. Segundo Afonso Garcia Rubio, o serviço da teologia no processo de suplantação da crise ecológica, embora discreto, é de uma grande valia.

Ela [a teologia] tem uma participação discreta, mas importante, pois pode e deve colaborar para que mude a atitude teórica e prática do ser humano e da sociedade em relação ao meio ambiente. A teologia pode ajudar nesta mudança à medida que, fiel à perspectiva integradora com que é considerada a realidade do ser humano e do cosmos na fé bíblica na criação, for capaz de realçar, por uma parte, a responsabilidade humana em relação ao cosmos e, por outra, a união entre o ser humano e a natureza bem como o caráter simbólico-sacramental desta (ibidem, p. 559).

A revelação bíblica ensina que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,31). Todavia, podemos e devemos nos perguntar: a imagem de que Deus fomos criados? Como é nosso Criador? Para a fé cristã, Deus não é “o Absoluto Solitário do pensamento filosófico antigo e moderno, mas o Deus-Comunhão-Relação, o Deus Ágape, o Deus-Trino, tal é o Deus criador. (...) O senhorio total de Deus não exclui, antes inclui, a íntima comunhão com as criaturas e vice-versa”. (ibidem, p. 559-560). Consequentemente, se a relação entre Deus e sua criação baseia-se numa relação de comunhão e não de domínio – no sentido negativo da palavra – o ser humano, criado a imagem e semelhança do Deus Comunhão, deve abandonar a postura de um domínio abusivo sobre o mundo criado para redescobrir sua vocação no plano da criação.

O ser humano se destaca do restante do mundo criado por receber a tarefa de exercer o governo, próprio de Deus sobre a criação. Ele é chamado a ser representante, lugar-tenente de Deus, sendo criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26s.; Sr 17,3). Como imagem deve *corresponder ao governo divino* do universo. Desse modo, seu domínio sobre a natureza encontra-se ligado ao domínio de Deus (MIRANDA, 2016, p. 186).

Como imagem de Deus, o ser humano é responsável, isto é, chamado a responder por si, pelos outros e pelo cosmo (cf. RUBIO, 2006, p. 548-549). Sua dignidade, enquanto criatura, é interpelada pelo aspecto da diaconia e do compromisso perante Deus. Assim sendo, o ser humano é chamado a fazer uso responsável do cosmo, “cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de proteger e guardar a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras” (FRANCISCO, 2015, nº 67).

Ao mesmo tempo, a retomada do chamado do ser humano na obra da criação, o faz perceber que para além do usufruto, as coisas criadas possuem um valor em si mesmas, e que cada uma, ao seu modo, rende glória ao Deus Criador. Nesta perspectiva, recorda o papa Francisco que:

Hoje, a Igreja não mais diz, de forma simplista, que as outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade; mas ensina – como fizeram os bispos da Alemanha – que, nas outras criaturas, “se poderia falar da prioridade do ser sobre o ser úteis. O catecismo põe em questão, de forma muito direta e insistente, um antropocentrismo desordenado: “Cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. (...) As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas (Ibidem, nº 69).

Outro aspecto a ser considerado pela teologia, frente a atual crise ecológica, é a presença do pecado nos abusos cometidos contra o meio ambiente. (cf. RUBIO, 2006, p. 560). As relações fundamentais da existência humana, a saber, a relação com Deus, com o próximo e com a terra (FRANCISCO, 2015, nº 66), foram profundamente marcadas com o pecado, de tal modo, que pode-se dizer que o colapso ecológico, é também um dos frutos da infidelidade do ser humano aos desígnios divinos. Ao se afastar do Criador, o ser humano afastou-se também do uso responsável do cosmo, de tal forma, que “a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito” (Ibidem, nº 66).

Deste modo, desde o pecado de Adão, também a natureza se encontra caída e sofrendo as consequências do pecado. Todavia, embora o mundo esteja

caído, não pode-se afirmar que o mundo seja mau em sua natureza, pois “o mal está no mundo, mas ele ‘entrou’ (apenas entrou), não está ‘em sua própria casa’” (GESCHÉ, 2004, p. 153). Assim sendo, também o cosmo vive na expectativa da libertação de uma escravidão e de uma corrupção, de modo, que a consumação escatológica não significa a destruição do mundo criado, mas a transformação de todo mundo. Neste sentido, a salvação alcançada por Jesus Cristo é destinada não somente ao homem, mas também ao cosmo.

A salvação consiste em libertar o mundo dessa tutela, não em purifica-lo de um mal que lhe seria substancial. É de notar que essa concepção encontrou eco nada menos do que em Kant. Em sua introdução à segunda parte de *A Religião no limite da simples razão*, ele observa que o universo judaico-cristão, ao colocar o mal no inferno, isto é, num terceiro lugar, conseguiu não opor o bem e o mal como se opusesse o céu e a terra. Isso tem como efeito, diferentemente do dualismo gnóstico e maniqueu, não fazer da terra e da matéria o lugar ontológico do mal. A teologia do pecado e da salvação não nos autoriza enxergar o cosmo como substancialmente decaído, tendo perdido sua natureza de criação e os dons positivos que possui (*ibidem*, p. 154).

Ainda, dentro dos elementos que compõem a contribuição da teologia para a superação da crise ecologia, não se pode abrir mão da redescoberta da espiritualidade do Deus Criador. Segundo o papa Francisco, “a melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses” (FRANCISCO, 2015, nº 75).

Conclusão

Diante do fato que a crise socioambiental, gerada pelo paradigma tecnocrático, tenha alcançado proporções alarmantes, que põem em risco até a existência da própria vida humana, faz-se necessário que a humanidade se congrege para rever as escolhas do passado, a partir do impacto no presente em prol de um futuro diferente. Embora seja claro que alguns pesquisadores rejeitem decididamente “a ideia de um Criador ou consideram-na irrelevante, chegando ao ponto de relegar para o reino do irracional a riqueza que as religiões possam oferecer para uma ecologia integral e o pleno desenvolvimento do gênero humano” (*ibidem*, nº 62), a ciência pode e deve contar com a religião no esforço

para superar a crise ecológica dos tempos hodiernos.

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e suas múltiplas causas, devemos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com sua linguagem própria. Além disso, a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão. No que diz respeito às questões sociais, pode-se constatar isto mesmo no desenvolvimento da doutrina social da Igreja, chamada a enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios (ibidem, nº 63).

Assim sendo, a fé cristã não é apática as questões ambientais, preocupada só com questões transcendentais e desenraizada dos problemas desse mundo, como foi acusada outrora. Ao contrário, verifica-se que nos tempos atuais, a crise ecológica tem sido palco de muitas discursões e reflexões entre os cristãos. Na Igreja Católica, por exemplo, verifica-se que a temática socioambiental tem estado presente, nos últimos anos, em documentos e discursos magisteriais, (cf. ibidem, nº 3-6) apontando a necessidade de uma conversão ecológica, onde o planeta seja visto como uma “casa comum” no qual todos são responsáveis.

Neste sentido, podemos afirmar teologia não pode ser reduzida a discursos dogmáticos e moralizantes que pouco ou nada tem a dizer sobre a crise ecológica que assola a humanidade. Ao contrário, ela deve ergue-se como uma voz profética para “ajudar as comunidades eclesiais a se posicionarem de maneira mais construtiva e harmoniosa com seu meio ambiente e a apoiarem todos os esforços locais, nacionais e internacionais, que procuram responder ao desafio ecológico dentro de uma perspectiva integral do homem” (RUBIO, 2006, p. 560).

Bibliografia

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003.
- BATESON, G. Vers une Ecologie de l'Esprit. In: RUBIO, A.G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, L. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

- BOFF, L. O desafio ecológico à luz da Laudato Si' e da COP 21 de Paris. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, vol. 76, n. 301, p. 24-43, Jan/Mar. 2016.
- CARTA da Terra, 1992, Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- FRANCISCO. *Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015.
- GESCHÉ, A. *O cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LIBANIO, J.B. *Ecologia: vida ou morte*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LISBOA, M.V. Laudato Si': Uma abordagem do ponto de vista das Ciências Sociais. In: PASSOS, J.D. (Org.). *Diálogos no interior da Casa Comum: Recepções interdisciplinares sobre a Encíclica Laudato Si'*. São Paulo: EDUC / Paulus, 2016.
- MIRANDA, M. F. *A salvação em Jesus Cristo: a doutrina da graça*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- RUBIO, A.G. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SILVA, M.F. *Trindade: criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- SOBRINO, J. *Jesus, o libertador*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WORLD Population Prospects 2017. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/Publication/Files/WPP2017_KeyFindings.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.